

APRESENTAÇÃO

Flavio García
Silvie Špánková

Desde o momento embrionário da teorização e da crítica do fantástico, em 1830, com Charles Nodier, em seu ensaio “Du Fantastique en littérature”, a literatura fantástica flutua entre classificações categoriais, genológicas e modais, por vezes antagônicas entre si. Ainda que haja uma infinidade de estudiosos dedicados à questão, muitos deles sem formação acadêmico-científica, dos quais, a maioria é, originariamente, ficcionista, podem-se identificar aqueles que se situam nos extremos.

Tzvetan Todorov, em 1970, com seu paradigmático *Introduction à la littérature fantastique*, defende que o fantástico é um gênero efêmero, adscrito a certas condições que o põem em risco. A narrativa que não cumpra ou ultrapasse qualquer de suas premissas, deixaria de ser fantástica. Irène Bessière, em 1974, em *Le récit fantastique: La poétique de l'incertain (Thèmes et textes)*, apresenta perspectivas distintas das de Todorov e, embora não se oponha de todo à orientação genológica, posiciona-se diferentemente do franco-búlgaro. Para Bessière, o fantástico é uma modalidade discursiva. Em 1980, Filipe Furtado viria a publicar *A construção do fantástico na narrativa*, aderindo, com maior verticalidade do que Todorov, à ótica estruturalista, o que vincula seu estudo, teórica e metodologicamente, à visão genológica. Em 2004, Remo Ceserani, em *Il fantastico*, tangenciando Bessière, sugere que o fantástico seja uma modalidade literária. Contudo, semelhantemente à Bessière, ele não chega a refutar a concepção genológica, flexibilizando,

apenas, as amarras impostas por Todorov. O mesmo Furtado de 1980, em 2009, no *E-Dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia, assina o verbete “Fantástico (modo)”, não se contrapondo, de fato, ao “Fantástico (gênero)”, cujo verbete também assina. Todavia, Furtado se apresenta como defensor de duas abordagens absolutamente distintas entre si.

O dossiê temático deste número da revista *Abusões* esperava reunir textos críticos que abordassem narrativas — em sentido *lato*, para além das literárias — identificáveis como possíveis representantes da ficção fantástica, sob qualquer concepção: categorial, genológica ou modal. Essa amplificação acabava por privilegiar o fantástico modo, especialmente sob as premissas de Furtado, pois, para o estudioso português, o fantástico modo abarca o gótico, o horror, o absurdo, o realismo-mágico, o realismo-maravilhoso, o realismo-animista, grande parte da ficção científica, bem como do maravilhoso, dos contos de fada, e, mesmo, a fantasia.

Nos últimos cem anos, passado o apogeu do fantástico clássico ou tradicional, conforme Todorov se referiu à produção que emergiu em final do século XVIII e se esvaiu no início do XX, tem sido bastante comum a ficção fantástica como um todo apropriar-se de diferentes elementos daquele fantástico, atualizando-o ou ressignificando-o. Têm interferido, nessa dinâmica, técnicas de palimpsesto, cruzamentos multi, trans e intertextuais, diálogos intersemióticos, intermediáticos e inter-artes e outros processos discursivo-textuais. Dentre esses procedimentos, podem-se destacar configurações, refigurações e transfigurações de personagens, aspecto que aqui se pretendeu sobrelevar.

No contexto dos estudos literários contemporâneos, a categoria da personagem vem ganhando cada vez mais atenção, sendo uma das provas fulcrais desse interesse a recente publicação de *Characters and Figures. Conceptual and Critical Approaches* (2021), de Carlos Reis e Sara Grünhagen, que reúne trabalhos fundamentais para a investigação da categoria de personagem, tanto na sua ontologia e configuração, quanto na sua interpretação pragmática. Convém não esquecer, contudo, que já desde os fins do século XX, a categoria da personagem tem sido objeto privilegiado de pesquisa em vários domínios de teoria e crítica literária, nomeadamente nos estudos cognitivos (p. ex. *Characters in Fictional Worlds. Understanding Imaginary Beings in Literature, Film and Other Media*, 2010, de Fotis Jannidis e Ralf Schneider), para além de muitas outras. Levando em consideração tais pesquisas, várias atitudes podem ser aplicadas na análise e interpretação da personagem (semiótica, filosófica, pragmático-imersiva, cognitiva etc.). Ao mesmo tempo, porém, quando se trata do contexto de várias modalidades do fantástico, visto que é precisamente o fantástico/o insólito que tende a uma figuração mais intensa e recorrente, vale destacar o conceito de *figura*, a que se dedica Carlos Reis e, especialmente, pesquisadores envolvidos com o projeto “Figuras da Ficção”, por ele coordenado no Centro da Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Os dezesseis artigos aceitos para compor o dossiê deste número da revista *Abusões* se centram nas estratégias de figuração da personagem, estabelecendo diálogos diretos ou indiretos, explícitos ou subliminares, entre a contemporaneidade da

produção ao longo do século XX e já no XXI e a centralidade do apogeu do fantástico tradicional ou clássico. No geral, os artigos não se prendem seja à concepção genológica, seja à perspectiva modal, ou, mesmo, à ótica categorial. Tal abertura permitiu reunir textos focados tanto no fantástico enquanto fonte de ambiguidade, medo e angústia, quanto na distopia, insólito ficcional, steampunk, grotesco ou *fantasy*. Assim, retoricamente, pode-se afirmar que o dossiê representa um conjunto diversificado de abordagens de ficção representativa do fantástico modo, uma vez que este absorve o categorial e o genológico. A leitura dos textos que compõem o dossiê permite um amplo passeio pelo fantástico ao longo dos tempos, perseguindo os processos de composição de suas personagens. Esses processos variam segundo os textos-matriz das novas produções e, naturalmente, conforme os textos deles consequentes. A variedade que se tem nesse universo de estudos ilustra a importância do fantástico e de sua crítica para a historiografia literária.

O dossiê abre com o texto “Uma análise do monstro moral no conto ‘Madrugada negra’, de Viriato Correia: apresentando a categoria espacial como elemento de construção do insólito ficcional”, de Gnaína dos Anjos Carneiro e Soraya de Melo Barbosa Sousa. Como indicado no título, as autoras optaram por refletir sobre a obra do escritor maranhense Viriato Correia, procurando captar, por meio de um estudo de caso, os mais relevantes traços do insólito ficcional num conto escolhido de *Novelas doidas* (1921). Simultaneamente, assim, abre-se com este artigo um espectro de possibilidades discursivas e genológicas que a presença de eventos insólitos na ficção, conforme teorizado por Flavio García, oferece.

O insólito seria, pois, um fenômeno cuja natureza transcende a normalidade, a ordem esperada, mas não corresponde, necessariamente, à irrupção do sobrenatural, podendo instalar-se, meramente, nos interstícios entre o racional e irracional, o possível e o impossível. A estranheza, provocada por tais incongruências, torna-se, desse modo, um dos aspetos de impacto na ficção do insólito. No contexto dessas reflexões, apoiadas sobretudo nas teorias de Flavio García (2007, 2011, 2012, 2013, 2017) e David Roas (2014), as autoras analisam a figura de “monstro moral”, que também transgride, embora ontologicamente diverso dos monstros sobrenaturais, os valores axiológicos de uma dada cultura, instituindo-se como seres que causam medo, horror e repulsa.

O seguinte texto, “A (trans)formação dos seres vivos em *Bugônia*, de Daniel Galera”, de Letícia Vital Ferreira, apresenta uma leitura ecocrítica, solidamente apoiada em fontes (Morton 2010, Garrard 2012, Krenak 2019 etc.) e centrada na ideia pós-humanista da sociedade-natureza, assente em laços inter e intra-espécies (sobretudo entre os humanos e as abelhas). A análise foca os aspetos fundamentais dessa comunidade, acentuando a personagem de Chama, cujo processo de amadurecimento adquire, como é sustentado pela autora do artigo, traços do romance de formação.

Em “Sobrevida literária e transmídia de personagens clássicos: Doutor Benignus e Vitória Acauã no universo de *Brasília steampunk*”, de Daniel Bonesso e Enéias Tavares, é apresentado um dos aspetos fulcrais na abordagem da personagem literária (o conceito de sobrevida da personagem, cunhado por Carlos Reis) no contexto contemporâneo de transmídia (H. Jenkins) e do gênero de

Steampunk, enquanto reciclagem (J.-J. Girardot, F. Méreste). Tendo em conta as características desse gênero, que privilegia a reinvenção do cânone literário, os autores analisam duas figuras do universo da *Brasiliiana steampunk*: Vitória Acauã, personagem do conto “Acauã”, de *Contos Amazônicos* (1893) de Inglês de Souza, e Doutor Benignus do romance *O Doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar. A escolha das figuras, do gênero e do método de análise adequam-se perfeitamente ao objetivo primordial deste dossiê. Ambas as personagens são seguidas nas suas transfigurações dentro de um novo contexto retrofuturista, em que recorrentemente aparecem tanto nos textos literários, quanto nas séries audiovisuais.

O último artigo dedicado à literatura brasileira, “Transgressão silenciosa: presença do fantástico na ficção brasileira do século XXI”, é da autoria de Flávio Carneiro. Após as reflexões de cariz teórico (discussão sobre as ideias de Todorov e Roas), Carneiro avança com o seu conceito de transgressão silenciosa, que, em contraponto à transgressão ruidosa da vanguarda, aponta para um novo caráter de ruptura com que a ficção brasileira contemporânea pretende alcançar o leitor comum, ao lado do leitor especializado. Ao mesmo tempo, a transgressão silenciosa reage como uma ameaça silenciosa tanto ao conceito do real, quanto à tradição documental, dominante, conforme Carneiro, na história da ficção brasileira desde o século XIX. Essa ameaça deve ser compreendida como uma revalorização da vertente fantástica que, de acordo com o autor, vem adquirindo grande força no panorama das letras brasileiras desde os fins do século XX. É precisamente dentro desse contexto, que Carneiro insere os novos autores como Max Mallmann, Amilcar Bettega Barbosa, Carola Saavedra e Sérgio Sant’Anna, e analisa as

suas obras escolhidas (*Síndrome de quimera*, 2000 de Mallmann, *Deixe o quarto como está ou Estudos para a composição do cansaço*, 2002 de Amílcar Bettega Barbosa, *Com armas sonolentas* (2018), de Carola Saavedra, *O sobrevivente* (1969) Sérgio Sant’Anna).

Com “As múltiplas Irenes e as performances de um nome em quatro narrativas hispano-americanas”, de Amanda Brandão A. Moreno, entra-se da ficção fantástica na América hispânica. Como o fantástico latino-americano apresenta, em geral, um caráter de reciclagem, especialmente devido ao uso recorrente de motivos, tópicos e figuras do cânone fantástico tradicional, não surpreende existirem várias ligações explícitas ou apenas implícitas entre obras de períodos e autores distintos. Raramente, porém, é detetado um laço intertextual no próprio nome de personagens, desde que se trate de um nome comum, de cariz arbitrário, sem traços de um exotismo insólito. Com base nas repetitivas ocorrências do nome Irene nos contos selecionados de três autores pertencentes à tradição literária rio-platense (“A casa de Irene”, 1929, de Felisberto Hernández; “Casa Tomada”, 1951, e “Todos los fuegos el fuego”, 1946, de Julio Cortázar; e “Autobiografía de Irene”, 1948, de Silvina Ocampo), Moreno analisa os cruzamentos intertextuais nos contos, destacando não apenas os ecos na construção das personagens, mas também, em primeira linha, nos vários níveis de leitura ativa, efetuada pelos autores enquanto leitores de obras precedentes.

Dentro do mesmo espaço geográfico-literário, insere-se o artigo “Borges como personagem de Borges: a imagem do autor em ‘O outro’ e ‘25 de agosto de 1983’”, de Vinícius Santos Loureiro, que centra a sua atenção, como indica o título, na narrativa breve do famoso autor argentino. Também nesse caso, o pacto de leitura/

escrita ganha o maior relevo, embora numa outra dimensão, visto que restrita à figura do próprio autor, transfigurada em personagem da sua própria obra. Essa estratégia, como se depreende do texto de Loureiro, está assente num dos maiores tópicos da ficção fantástica, na figura de *doppelgänger* (termo cunhado por Jean-Paul Richter em 1796), que oferece um jogo de espelhos, máscaras e ambiguidades entre os estatutos de autor empírico, autor implícito, narrador e personagem.

Como o número três é mágico, apresenta-se, no dossiê, o terceiro texto dedicado à ficção argentina, dessa vez, à mais nova tendência. No artigo “Reconfiguração do insólito ficcional e do arquétipo do zumbi no conto ‘Carne’ de Mariana Enriquez (2017)”, Fernanda Correia e Giovanna Suleiman das Dores analisam uma narrativa da coletânea *Los peligros de fumar en la cama* (2017), de uma das autoras mais famosas, à escala mundial, da ficção fantástica e de horror. Radicado no arquétipo de zumbi, o texto adota o viés teórico assente nas formulações do inconsciente coletivo por Carl Gustav Jung, passando a recordar a história do conceito de zumbi, bem como as suas transfigurações cinematográficas que lançaram a grande voga daquilo que poderia ser chamado *zumbimania*, ou “zumbificação” (expressão das autoras do ensaio), sobretudo a partir do filme *Night of the Living Dead* (1968), de George A. Romero. As autoras do artigo detetam estratégias narrativas que resultam numa nova e original reconfiguração do dado arquétipo.

Com o artigo “Casa, fantasma, lápide, corte, corpo retornado, sangue, colcha: o insólito e o real na tessitura da personagem ‘Amada’, de Toni Morrison”, de Luana Barossi, entra-se no espaço da ficção anglófona. O ponto de partida para a análise

de “Amada”, do romance epónimo (*Beloved*, 1987), é constituído pela oscilação do estatuto ontológico da personagem entre o real e o insólito, podendo ser apreendida ora na corporalidade, ora na espectralidade. Por meio de uma análise rica em pormenores, inspirada nas teorias literárias e psicanalíticas, especialmente no recurso de *leitmotiv*, Barossi defende a interpretação da personagem enquanto um real traumático.

No mesmo espaço cultural, insere-se o artigo de Gabriel Felipe da Silva, “O insólito e fantástico em *Enclausurado*, de Ian Mcewan”. Baseando-se na discussão teórica sobre o fantástico como gênero e o fantástico como modo (Todorov, Eagleton 2021, García 2019 etc.), Silva demonstra que as categorias todorovianas não se mostram suficientemente elásticas para compreender o caráter do fantástico na obra em análise, visto que a personagem de *Enclausurado* (*Nutshell*, 2016), romance inspirado em *Hamlet* de Shakespeare, é um feto com capacidades mentais abnormalmente desenvolvidas, fato que, *a priori*, contesta a ambiguidade, afirmando-se como um fenómeno ontológico irreal.

O insólito ficcional como uma nova categoria no espectro das reflexões teóricas constitui, também, a base de “Três mulheres e uma rua: coincidências fortuitas e atos gratuitos em Bingham Street”, da autoria de Fábio Lucas Pierini. A análise centra-se nas personagens femininas do conto “Quando de uma guinada pela rua Bingham” (*Umwege durch Bingham Street*) (1965), de Johannes Urzidil, nascido em Praga, amigo de Franz Kafka. Como Pierini explica na sua detalhada apresentação dos marcos teóricos, o insólito ficcional adequa-se à análise do referido conto não apenas pelo facto de esse demonstrar a ausência do sobrenatural propriamente

dito, mas ainda por conter recursos estéticos e narrativos assentes em diferentes pressupostos, detalhadamente esclarecidos pelo autor do artigo. No conjunto das personagens do conto, é de realçar a figura da criança (culpada, ou inocente?), cuja presença faz recordar uma longa tradição da representação da infância na literatura de horror e do insólito.

Outra base teórica é aproveitada no artigo “Do assombroso ao carnavalesco: análise da presença do grotesco em *Coraline*”, de Isabele Guzella Benedito e Luciana Brito. Antes de proceder à análise da narrativa *Coraline* (2003), de Neil Gaiman, as autoras explicam detalhadamente as bases da teoria do grotesco, desenvolvidas por Kayser (1986) e Bakhtin (1987), traçando assim um contexto teórico que lhes serve para detetar os traços grotescos na configuração das personagens, seres do “outro mundo”, bem como na construção dos seus corpos disformes e de todo o seu universo apresentado como a caricatura da vida real. Com o terror fantástico de *Coraline*, adentra-se o espaço da literatura *crossover*, contexto no qual o gênero de *fantasy* deve ser salientado como um marco geracional de sucesso.

No artigo “*Recycling shadows: Tolkien’s influence on Rowling’s composition of Voldemort and the Dementors*”, Cido Rossi concentra-se na refiguração do arquétipo da sombra (conforme o conceito de Jung) nos universos de enorme impacto na literatura mundial, ou seja, nos mundos de *The Lord of the Rings* e de *Harry Potter*, destacando os laços intertextuais (a influência de Tolkien sobre a obra de Rowling) no que se refere à composição da figura de *villain* (Sauron /Voldemort) e das criaturas malignas (*the Ringwraiths/the Dementors*).

Ao universo tolkieniano é também dedicado o artigo “O senhor das memórias: lembranças, identidades e esquecimentos em J. R. R. Tolkien”, de Roney Marcos Pavani. Nesse trabalho, centrado nos conceitos da memória individual/coletiva (Halbwachs, Bartlett, Candau etc.) e do esquecimento (Pollak), Pavani analisa a relação entre o autor empírico (formado num concreto espaço público/privado) e o criador de mundos fictícios, verificando e interpretando certas (desconhecidas) analogias entre a biografia de Tolkien e o mundo fantástico de *The Lord of the Rings*.

O interesse do artigo “O vampiro de Luigi Capuana: textos fantásticos sob a pena de um mestre realista”, de Leonardo Freitas de Carvalho, consiste, entre outros aspetos, na abertura do vasto espectro de figuras/personagens a um dos tópicos fundamentais do fantástico canónico, o de vampiro, mas, deslocando-o para o território geográfico-cultural italiano, um *habitat* dos não-mortos pouco comum. Ao analisar o conto “Un vampiro” (1904), de Luigi Capuana, Carvalho salienta a dinâmica da figura fantástica, incidindo, neste contexto, sobre o carácter da “atmosfera tenebrosa”, conseguida na narrativa por meio de recursos estilísticos, e sobre um debate acerca do estatuto gnoseológico do vampirismo, que faz vacilar tanto os limites da crença, quanto os da ciência.

Interpretando-se a figura de vampiro como uma encarnação do arquétipo da sombra, conforme Jung, é possível fazer uma ligação muito natural com o próprio tópico da sombra. No artigo “O motivo literário da perda da sombra no conto fantástico ‘A sombra’ de Hans Christian Andersen”, de Antonia Marly Moura da Silva e Francisco Edson Gonçalves Leite, o tópico da sombra é

analisado e interpretado sob o viés das teorias identitárias como a representação da dualidade. Além disso, um breve percurso pela ficção e pela teoria do duplo (na vertente de *doppelgänger*) oferece um quadro temático dedicado à problemática do tópico de duplo, imprescindível para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno sobrenatural no conto em análise.

O último trabalho do presente dossiê centra-se na configuração da personagem feminina no gênero da distopia contemporânea, nomeadamente nos romances *The Handmaid Tales* (1985) e *The Testaments* (2019), da famosa escritora canadiana Margaret Atwood. Ancorado nos postulados de Spivak (2010), o artigo “Nem bruxas nem fadas: paradigmas e rupturas na construção de personagens femininas em distopias contemporâneas”, de Valdinei José Arboleya e Clarice Lottermann, oferece uma análise da representação das personagens femininas, destacando, na sua configuração, os procedimentos de desconstrução de estereótipos e de papéis sociais tradicionais.

Esta Apresentação não é mais do que, como ora vem sendo comum referir, um *spoiler* do conteúdo de cada um dos dezesseis artigos que dão forma a este dossiê. Espera-se, com isso, que o leitor entusiasme-se e dedique-se à leitura dos textos. Dessa leitura, tem-se a expectativa de que surjam novos textos, em ciclos ininterruptos que mantenham, *ad eternum*, a sobrevivência da ficção fantástica.

Flavio García

Pós-Doutor (FLUL, 2021, 2022, 2023; FLUC, 2016; UFRGS, 2012; UFRJ, 2008).

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica”; pesquisador do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas”; pesquisador colaborador do “Grupo de Estudios sobre lo Fantástico” (Universidad Autónoma de Barcelona) e do “Centro de Literatura Portuguesa” (Universidade de Coimbra); membro do Grupo de Trabalho ANPOLL “Vertentes do Insólito Ficcional”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4242057381476599>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0761-8092>.

E-mail: flavgarc@gmail.com.

Silvie Špánková

Professora de Literatura Portuguesa na Universidade Masaryk de Brno, República Checa doutorada pela Universidade Carolina de Praga autora de Pelos caminhos do insólito na narrativa breve de Branquinho da Fonseca e Domingos Monteiro (Praga, Editorial Karolinum, 2020)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9839-7963>.

E-mail: 8346@muni.cz.